



APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ NOS PRINCIPAIS CONFLITOS OCORRIDOS APÓS A II GUERRA MUNDIAL(*)

Valmir Fonseca Azevedo Pereira

Após analisar a aplicação dos conceitos do grande estrategista nos principais conflitos pós-II Guerra Mundial, o autor conclui que:

"Aqueles que abandonaram os ensinamentos de Clausewitz, alijando-os de sua concepção na formulação da Estratégia Militar, perderam uma das ferramentas indispensáveis na construção da vitória" e que:

"*Da Guerra*, a obra de Clausewitz prosseguirá, através dos tempos, como um marco de referência a ser consultado por gerações de políticos e militares, interessados no entendimento da filosofia da guerra e na formulação das diretrizes que colimam os mais altos interesses nacionais."

INTRODUÇÃO

Não nos cabe aqui discorrer sobre a obra de Clausewitz, mas, tão somente, buscar, nos conflitos do pós II Guerra Mundial até

os nossos dias, a aplicação de seus conceitos, muitos dos quais não foram enunciados apenas por ele, pois fazem parte das leis e princípios que regem os conflitos, e que remontam aos primórdios da humanidade.

A relevância de sua obra é inquestionável, embora dentro desta unani-

(*) Selecionado pelo PADECEME

APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ NOS PRINCIPAIS CONFLITOS OCORRIDOS APÓS A II GUERRA MUNDIAL

midade encontremos as mais diversas interpretações. Muitos estudiosos não encontraram o devido reparo nos seus conceitos, alguns expurgam, na era contemporânea, parte de seus escritos, alegando que prescindem de atualização, outros rebatem, veementemente, muito de sua obra, mas todos concordam que seu enfoque sobre a guerra como fenômeno político e social extrapolou o obtuso pensamento vigente, até aquela época, de subordinar a política à expressão militar, além de apresentar uma nova concepção de guerra, contrária à "guerra dos reis", sem grandes perdas pessoais e materiais, para visualizar o início da "guerra dos povos".

Os estudos filosóficos de Clausewitz levaram-no a emitir em, sua obra, uma série de conceitos abrangentes e sujeitos a diversas, e muitas vezes opostas, interpretações, as quais decorrem, numa visão simplista, dos motivos abaixo:

- sua concepção de guerra "absoluta", a qual, interpretando o conceito textual de guerra, contrapunha-se à execução das mesmas, conforme ocorriam na época, na medida em que não atendiam o *sensu lato* da palavra "guerra";

- sua concepção de guerra "real" enunciada em decorrência das inúmeras ingerências, inclusive políticas, que tornavam a guerra "absoluta", existente apenas no plano do abstrato;

- em cada uma dessas concepções alinhavou "conceitos" que não tiveram a devida delimitação, em qual delas pertenceria;

- muitos daqueles "conceitos"

aplicavam-se em qualquer das duas concepções;

- alguns "conceitos", fruto da época, perderam com o passar dos anos, com o surgimento das demais forças singulares, com o incremento e a evolução do armamento, e o desenvolvimento da tecnologia, sua validade nos dias atuais.

Acresça-se ainda que, revendo parte de sua obra, pretendeu Clausewitz levar a termo algumas alterações, apenas fazendo-o parcialmente, ocasionando uma obra até certo ponto inacabada.

A análise de sua obra já justificou vitórias e derrotas. Uma plethora de artigos e livros foram escritos, objetivando o correto entendimento da obra clássica do pensamento militar, estudo profundo da guerra sob a ótica filosófica; essa literatura é profícua e por vezes polêmica.

É nosso propósito trazer à tona alguns conceitos que, atravessando os séculos XVIII e XIX, chegaram incólumes ao século XX, sendo encontrados, parcial ou totalmente, em diversos dos conflitos ocorridos após a II Guerra Mundial.

O alinhamento daqueles conceitos não é uma providência original. É provável que inúmeros e alentados autores, renomados estudiosos da arte da guerra, grandes "capitães" e reconhecidos estrategistas tenham realizado semelhante trabalho, emergindo desta constatação a sumariedade deste ensaio, que abdica da devida análise, por apoiar-se no texto, por vezes contraditório, de diversos autores.

CONCEITOS

A guerra como instrumento da política

Clausewitz destaca que a guerra é um ato político, por isso o poder militar é a ele subordinado, devendo tanto o estadista saber sobre a arte da guerra, como o general saber sobre a política, inclusive para assessorar o estadista no que se refere a participação do poder militar na consecução dos objetivos políticos.

Sendo a guerra um ato político, seu objetivo é político, o qual deve ser plenamente definido e perfeitamente dimensionados os óbices para o seu atingimento. O esforço não deverá ser maior do que o valor do objetivo, ou seja, tem que ser compatível com a capacidade do Estado.

Sendo o objetivo da guerra uma concepção da política, ele representa a vontade do Estado-Governo, forças armadas e povo, portanto é *nacional*, advindo a necessidade do preparo do poder militar desde os tempos de paz.

Sendo a guerra de interesse nacional, representando um ato do Estado e envolvendo Governo, forças armadas e povo, deve empregar todos os meios nacionais disponíveis. Em consequência, todos os campos de ação, político, econômico, psicossocial e militar serão acionados, tomando a guerra o cunho de *total* para o Estado. O interesse nacional deverá imprimir ao desenvolvimento da guerra uma componente de importância capital que é a vontade política.

Orientação para o objetivo

Clausewitz reitera a idéia da definição e importância de um objetivo perfeitamente visualizado, tanto no plano político como no plano tático. Neste raciocínio extrapola a premissa do “centro de gravidade” como ponto físico, para colocá-lo como dimensão de objetivo nacional da política nacional e como ponto da estrutura inimiga — militar, política, social etc...

Superioridade

Clausewitz destaca a importância da superioridade numérica (massa) e preconiza a concentração das forças contra o adversário mais temível e sobre o seu “centro de gravidade”, buscando a destruição do inimigo ou sua submissão à nossa vontade, através de uma batalha decisiva. Observa que a existência de tropas em locais onde o inimigo não se fará presente é uma perda lastimável (economia de meios). Não abdica, entretanto, da manutenção de forças em locais que favoreçam seu futuro emprego (reserva).

Embora considere a superioridade numérica como um fator de desequilíbrio, admite que isso não significa uma imposição para a obtenção da vitória. Clausewitz destaca que na impossibilidade de ser obtida a vantagem total, a mesma deve ser obtida parcialmente, em pontos decisivos, através de cuidadoso emprego da tropa.

Consequência da exposição acima, podemos extrair como conceitos de Clausewitz as idéias-força de *ofensiva*,

massa, concentração e economia de meios.

Relevância dos fatores morais e psicológicos

Clausewitz captou, nitidamente, a relevância dos fatores morais e psicológicos como básicos na ingerência da guerra e ampliou sua abrangência para todo o Estado, extravasando sua condicionante como característica impositiva, apenas do poder militar.

Clausewitz enfatiza o valor da vitória como elemento propulsor do revigoramento do moral, não somente do combatente, mas, também, como importante e influente no governo e no povo. Assim como a vitória sedimenta o moral nacional, por outro lado abate o do inimigo, atuando desse modo sobre a opinião pública, que desempenha relevante papel no andamento dos conflitos atuais.

Ele considera que somente um exército dotado de forte componente moral poderá resistir ao peso de uma derrota numa batalha, pois admite que a perda moral é maior do que a perda física.

Importância da surpresa

Clausewitz não descarta o valor da obtenção da surpresa que deve ser perseguida, e que proporcionará considerável vantagem a quem utilizá-la convenientemente. Entretanto, considera como mais provável sua obtenção no início das operações e quando devidamente apoiada na velocidade e no ímpeto.

Conclusão parcial

Entre os muitos conceitos encontrados na obra de Clausewitz, alguns podem ser inseridos nos níveis estratégico e tático, outros, num ou noutro nível. Além disso, visualizamos que determinados conceitos estão imbutidos apenas na concepção de guerra "absoluta" ou somente na concepção de guerra "real", enquanto os demais transitam no terreno das duas concepções.

Além dos "conceitos" já citados, mereceram citações pelo grande pensador militar, entre outros, os seguintes aspectos:

- o aniquilamento total do inimigo através de uma perseguição implacável, fazendo o máximo aproveitamento do sucesso;
- a busca constante de informações sobre o inimigo e o terreno, que permitam reduzir as incertezas da guerra;
- o papel do comandante capaz da ação audaz e criativa, possuidor do "faro", capacidade indutiva para a condução correta da batalha, general devotado e de personalidade cimentada, infenso a boatos e às vicissitudes de guerra e perseverante na manutenção da linha-de-ação adotada;
- o apoio logístico adequado, permitindo à tropa o usufruto, sempre que possível, de merecido bem-estar e de aprovisionamentos necessários. Não esquecer do repouso e do tratamento sanitário, o cuidado com os feridos, referindo-se a importância desses cuidados no fortalecimento físico e moral do combatente;
- o valor do terreno nas operações

militares, proporcionando vantagem capital àquele que o utiliza judiciosamente;

• a guerra de guerrilha, cujas características básicas Clausewitz vislumbrou ao propugnar por seu apoio popular, por sua constante iniciativa e impossibilidade de ser decidida em uma única batalha, ressaltando ainda as condições especiais e adversas do terreno onde deveria ocorrer.

CONFLITOS

O panorama mundial após a II Grande Guerra Mundial era totalmente diferente daquele conhecido por Clausewitz, modificado que fora por uma gama de sofisticados armamentos e meios destrutivos dos mais diversos. O lançamento de duas bombas atômicas sobre o Japão estarrecia a humanidade e inseria no cenário da guerra uma nova componente.

A divisão do mundo em dois blocos diametralmente opostos, ambos possuidores de vasto arsenal de armas nucleares, acarretou o surgimento da Guerra Fria.

O impasse nuclear, medo recíproco da destruição mútua, incentivou a esgrima política e obrigou os dois blocos a buscar de todos os modos a manutenção da paz, pelo menos aquela que evitasse a confrontação direta entre as duas superpotências.

O equilíbrio do terror apoiado no poder destrutivo do arsenal nuclear não trouxe a paz tão almejada, por todo o mundo explodiram conflitos armados de considerável porte. A guerra

convencional continuou a existir, com mais freqüência e mais destrutiva do que as anteriores, pois as armas convencionais, acompanhando a evolução tecnológica, tornaram-se mais mortíferas.

O incremento das armas nucleares impôs uma nova ordem no campo da estratégia, o surgimento da teoria da guerra limitada, evitando-se a qualquer custo a ampliação dos conflitos, através do aumento do papel da política sobre a expressão militar.

A paz imposta pelo medo, contudo não foi o suficiente para evitar a eclosão de mais de uma centena de conflitos por todo o mundo. Nesses conflitos, embalados por múltiplas justificativas, apesar dos progressos técnicos, sob a ótica do homem, poucas modificações foram introduzidas.

As linhas mestras que regem as guerras permaneceram imutáveis, e os pensadores militares, dentre eles Clausewitz, tem comprovado sua atualidade na era contemporânea.

Ao término da II Guerra Mundial conflitos diversificados espalharam-se pelo mundo e prosseguiram até os nossos dias; do esfacelamento sangrento dos impérios coloniais, passando pelos movimentos de reunificação de países divididos por artificiosos limites ideológicos, aos movimentos de liberação nacionalistas e mesmo os conflitos internos de cunho ideológico ou não, apoiados muitas vezes pelas superpotências, principalmente pela agressiva política expansionista da URSS.

A guerra convencional proliferou no período, normalmente amparada na

chamada Guerra Fria, que limitando sua expansão, não deixou de alimentá-la, convenientemente, segundo seus interesses.

Surgiu no cenário mundial a chamada Guerra de Guerrilha, cujas bases de execução encontramos nos conceitos de Clausewitz. Esse novo tipo de conflito, extremamente cruel, pois normalmente somou o fator ideológico ao fator nacionalismo, difundiu-se por todo o planeta, em particular no Sudeste Asiático.

O estudo dos inúmeros conflitos, em que pese os enormes progressos técnicos a eles somados, indicam a permanência de valores imutáveis como a liderança e a qualidade da tropa. Da mesma forma não podem ser questionados a importância da superioridade numérica, da orientação para um objetivo perfeitamente delineado, seja no campo da política, seja no campo da tática. A importância dos fatores morais e psicológicos avultaram como de influência fundamental na conduta da guerra, e mesmo a surpresa, tão difícil de ser obtida, muitas vezes se fez presente, não apenas no campo de batalha, mas também no campo estratégico.

Mais do que nunca as guerras adquiriram a conotação de "nacionalistas", por trazerem no seu bojo uma inalterável componente política, integrando-se na base do pensamento de Clausewitz. Nesse período, a guerra tornou-se não apenas um instrumento da política nacional, ela ampliou-se para ser instrumento da política internacional.

APLICAÇÕES DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ

Corroborando a assertiva da permanência e atualidade dos conceitos de Clausewitz, traremos à reflexão algumas oportunidades, as mais relevantes, nas quais em determinados conflitos a aplicação daqueles conceitos ficou perfeitamente caracterizada, destacando também, quando o seu não atendimento acarretou conseqüências das mais desastrosas.

A guerra como instrumento da política

A guerra colimando a política nacional

- **Guerras Árabes-Israelenses**

Israel — A guerra como instrumento da política foi totalmente absorvida pelas lideranças israelenses, à medida que sua execução projetava a própria manutenção do Estado judeu.

- **Guerra do Golfo/91**

EUA — No campo político, verificou-se o acerto de uma política bem dimensionada, utilizando a guerra como seu instrumento e o perfeito entrosamento entre governo, forças armadas e povo.

As operações militares iniciais, embora eminentemente aéreas, pautaram pela extrema agressividade e forte componente decisiva. Ao lado da estratégia militar, cumprida cronologicamente, com precisão cirúrgica, foi desencadeada não menos competente

ação política, tanto no campo interno, como no campo externo.

Iraque — O governo iraquiano, centrado na figura de Saddam Hussein, que pretendeu projetar ambições pessoais como aspirações nacionais, acarretando a humilhação do Estado iraquiano, a fragorosa e humilhante derrota de suas forças armadas e o caos social e econômico da nação.

• **Guerra das Malvinas**

Argentina — Ressalta, na atuação argentina, a reduzida visão política de seus dirigentes, sua falta de estratégia e a total dissociação desta com a política.

Subordinação da expressão militar à expressão política

• **Guerra da Coreia**

EUA — A intervenção norte-americana na Coreia, em favor da Coreia do Sul, atendeu à política da nação, embora muitos analistas políticos considerem que a mesma, na época, mostrou-se ambígua e dissociada da expressão militar, o que culminou com a exoneração do general Mac Arthur, comandante-em-chefe das forças militares, pelo Presidente Truman.

• **Guerra do Vietnã**

EUA — A política indecisa do governo norte-americano, presente na Guerra da Coreia, retornou na Guerra do Vietnã. O conflito, conduzido sem uma estratégia perfeitamente definida, acarretou problemas de natureza político-militar. A expressão militar foi seguidamente tolhida na sua ação,

por distorções no pensamento político, muitas vezes sem a transparência adequada e ao sabor de divergências opostas dentro do próprio país.

• **Guerra do Golfo**

Iraque — No Iraque, seu presidente subordinou a política ao poder militar, tendo superestimado a capacidade do mesmo, e provocando a indignação mundial por meio de demonstrações equivocadas de seu poder, amplamente divulgadas pela imprensa, principalmente a televisada.

O colapso das forças armadas iraquianas e a perspectiva de “libanização” do país após o conflito refletem a dimensão exata da inexistência de sua política, de sua dissociação com os anseios da população, e exemplificam a utilização do poder militar não como meio, mas como fim.

Preparo das Forças Armadas

• **Guerra dos Seis Dias**

Árabes — A expressão militar árabe, de bisonho grau de instrução e inferior nível de adestramento, não estava apta a cumprir a política que uniu os países árabes no objetivo de destruir Israel ou, pelo menos, de recuperar os territórios perdidos anteriormente, na guerra da independência (1948/49) e no conflito de 1956.

• **Guerra das Malvinas**

Argentina — A expressão militar mostrou-se incapaz de atender aos objetivos da política, que, por sua vez, dimensionara metas incompatíveis com o poder militar existente.

A derrota argentina foi a comprovação da ação política conduzida carnalmente, à margem da realidade e que, apesar de tutelar os anseios nacionais, revelou estar deslocada no tempo-espaço devidos. A equivocada avaliação da capacidade do oponente e a distorcida projeção de sua capacidade culminaram com a amarga derrota.

• Guerra do Yom Kippur

Árabes — A fragorosa derrota na Guerra dos Seis Dias obrigou os governos árabes a implementarem o treinamento de suas forças armadas, contando para isso com a colaboração de assessores russos, atingindo a instrução e o adestramento da tropa níveis jamais obtidos anteriormente.

A Vontade Política

• Guerra do Yom Kippur

Israel — As forças armadas continuavam instruídas, adestradas e com grande capacidade de mobilização. A adoção de uma perigosa atitude defensiva, assentada no cinturão territorial conquistado aos árabes, atendia, em parte, ao desejo do povo israelense, desgastado com os conflitos anteriores. O povo, no entanto, imbuído de inquebrantável vontade política, levantou-se de pronto contra a ação árabe, apoiando incondicionalmente todas as ações governamentais.

• Guerra das Malvinas

Grã-Bretanha — A reação inglesa à invasão das Malvinas, pela Argentina, representou a expressão maior da vontade política inglesa, somando-se

governo, forças armadas e povo num só e poderoso vetor orientado para a reconquista das ilhas.

Orientação para o objetivo

• Guerra do Yom Kippur

Árabes — O objetivo político árabe prosseguiu sendo a destruição do Estado de Israel e a recuperação das áreas perdidas.

• Guerra do Vietnã

EUA — A falta de objetividade, tanto política como militar, traduziu o sentimento nacional em relação ao conflito. Careceu, a nação, de vontade política na consecução dos objetivos e a opinião pública, dissociada do governo, e corretamente manipulada por interesses contrários, tornou-se uma poderosa arma rumo à derrota.

Vietnã do Norte — Embalados por uma política totalmente definida de conquistar Saigon a qualquer custo, vietnamitas do norte e vietcongs perseguiram, com determinação e perseverança, seus objetivos.

Superioridade (Concentração, massa, ofensiva e economia de meios).

• Guerra dos Seis Dias

Israel — As Forças Armadas israelenses, extremamente adestradas e aptas ao combate, formavam um conjunto homogêneo que, embora não tivesse superioridade numérica sobre o adversário, possuía uma grande superioridade qualitativa, no que se refere aos recursos humanos.

APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ NOS PRINCIPAIS CONFLITOS OCORRIDOS APÓS A II GUERRA MUNDIAL

Os objetivos estratégicos e táticos encontravam-se perfeitamente definidos em todas as fases da operação. A partir do fulminante e surpreendente *raid* aéreo, executado com a máxima capacidade aérea disponível e a manutenção do mínimo de aeronaves necessárias à segurança, realçando a preocupação em economizar meios, permitiu o desencadeamento de vigorosas e vitoriosas operações terrestres, acobertadas pela supremacia aérea israelense que, literalmente, havia arrasado o poder aéreo inimigo.

• Guerra do Yom Kippur

Israel — A reação israelense, após o impacto inicial, foi imediata e revestiu-se, basicamente, das mesmas características existentes na Guerra dos Seis Dias. Assim, verificamos a alta agressividade, a grande mobilidade e o dinamismo das ações eminentemente ofensivas, sabedores que, na área, os conflitos são realizados com grande intensidade, principalmente por serem de curta duração.

• Guerra das Malvinas

Grã-Bretanha — Embora com inferior efetivo militar, as tropas empregadas possuíam inegável superioridade qualitativa em relação ao adversário. Aplicando judiciosamente suas forças, sempre surpreendendo o oponente, principalmente por ocasião do desembarque na baía de S. Carlos, soube o comando inglês atuar com extrema agressividade e alta mobilidade, que se sobrepôs à inércia do inimigo.

A sofisticação tecnológica inglesa, seu poder de fogo superior, sua efici-

ência logística e a grande mobilidade fornecida pelo emprego do helicóptero somaram-se como elementos decisivos para a obtenção do sucesso.

• Guerra do Vietnã

EUA — A ausência de ações agressivas e decisivas, pautando o governo por uma “escalada” no seu engajamento na área, executando a mobilização de seus contingentes de forma discricionária, foram fatores altamente negativos na condução do conflito.

Surpresa

• Guerra da Coreia

Coreia do Norte — As tropas foram organizadas, adestradas, convenientemente preparadas e, com grande efetivo e superioridade de meios, tomaram a iniciativa das operações, surpreendendo os defensores que manobraram em retirada. O arrefecimento da ofensiva, próximo de Pusan, marcou o final da 1ª fase da guerra.

EUA — A contra-ofensiva dos norte-americanos, a partir do desembarque anfíbio em Inchon, através de uma audaciosa manobra ofensiva do general Mac Arthur, surpreendeu o invasor e atingiu sua principal rota de suprimentos, isolando as forças vermelhas, localizadas ao sul da península de Pusan.

• Guerra do Yom Kippur

Árabes — Concentrando poderosas forças blindadas a leste da linha Bar-Lev, os árabes surpreenderam aos israelenses com uma grande ofensiva no

dia 06 de outubro, feriado do Yom Kippur.

- Guerra do Golfo/91

EUA — A fase das operações terrestres, apesar de sua aparente transparência, foi conduzida de maneira exemplar, pelo emprego judicioso das tropas e, mesmo, pela obtenção do elemento surpresa. Em ação agressiva e com grande massa, foi iniciada a ofensiva aliada contra as linhas de defesa do Iraque e, procurando atrair seu “centro de gravidade”, a Guarda Republicana, foi simulado um desembarque anfíbio no sul do Kuwait.

Fatores morais e psicológicos

- Guerra das Malvinas

Argentina — A opinião pública mundial não avalizou a ação argentina e, mesmo o povo e os militares argentinos, embalados inicialmente pela ocupação das ilhas, não resistiram por muito tempo aos sinais de fracasso da atitude do governo e as demonstrações de fragilidade e dissociação de suas forças armadas.

- Guerra do Vietnã

EUA — O apoio ao impopular governo de Saigon, a ambígua limitação do poder militar e a falta de habilidade política, devidamente explorados pelo inimigo, transformaram a Guerra do Vietnã em massacre desgastante moral e psicológico para o combatente, e em terrível armadilha para o seu poder militar, arranhado num conflito de longa e desgastante duração.

Vietnã do Norte — O combatente norte-vietnamita soube, através de flu-

ídas operações, tornar impotente a sofisticada máquina de guerra americana; seu governo, aproveitando-se das fragilidades existentes, paulatinamente desmontou a tríade americana, que não possuía o suporte necessário para a consecução de seus objetivos.

CONCLUSÃO

É evidente que muitos dos conceitos enunciados por Clausewitz tornaram-se ultrapassados nos dias atuais, outros precisam ser devidamente atualizados. Assim, por exemplo, a “superioridade numérica” pode e deve ser dimensionada como a superioridade advinda dos progressos técnicos e, mesmo, da superioridade qualitativa da tropa.

A batalha decisiva poderá não ocorrer de imediato, podendo configurar-se num determinado ponto do conflito, a partir do qual, o fiel da balança venha a pender para um dos contendores.

A idéia que define o “centro de gravidade” permanece como válida. Não admitir sua existência é um retrocesso. Pelo contrário, é preciso extrapolar seu entendimento para o plano abstrato, e percebê-lo no tempo-espaço.

A importância sublinhada por Clausewitz do terreno nas operações, se fez presente nos combates nas selvas e nas montanhas, cenários comuns das guerras insurrecionais.

É atual a base conceitual de Clausewitz que considerou inseparáveis a política e a estratégia, que subordinou o poder militar à política, entendendo que o objetivo maior da guerra deve

APLICAÇÃO DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ NOS PRINCIPAIS CONFLITOS OCORRIDOS APÓS A II GUERRA MUNDIAL

ser considerado sob a visão do estadista. Clausewitz enfatizou a necessidade de compatibilização dos objetivos com os meios. A dissociação dos objetivos políticos com a capacidade da guerra fatalmente conduzirá à derrota, o que é confirmado no resultado dos conflitos atuais.

O estudo dos conflitos ocorridos após a II Guerra Mundial, por certo corrobora a atualidade de Clausewitz. Sua compreensão referente ao relacionamento entre a política e a guerra permanece imutável, apesar do surgimento do fator ideológico no contexto da guerra revolucionária.

Aqueles que abandonaram os ensinamentos de Clausewitz, alijando-os de sua concepção na formulação da es-

tratégia militar perderam uma ferramenta indispensável na construção da vitória.

A filosofia da guerra enunciada por Clausewitz, e os diversos conceitos por ele emitidos, prevaleceram, não apenas no século XIX, mas adentraram no século XX e são comprovados na atualidade como basilares do pensamento militar.

Da Guerra, a obra de Clausewitz, prosseguirá, através dos tempos, como um marco de referência a ser consultado por gerações de políticos e militares, interessados no entendimento da filosofia da guerra e na formulação das diretrizes que colimam os mais altos interesses nacionais.



Cel Inf QEMA VALMIR FONSECA AZEVEDO PEREIRA — É da Turma de 1964 da AMAN e possui os cursos Básico Pára-quedista, Mestre de Saltos, ESAO, ECEME e CPEAEx (1991). Exerceu as funções de Instrutor da AMAN nos períodos 1978/1979 e 1985/1986. Comandou o 27 BI Pqdt (1989/91). Atualmente, serve no Gabinete do Ministro. Possui as seguintes condecorações: Medalha Militar de Ouro, Medalha do Pacificador e Ordem do Mérito Militar, no Grau de Cavaleiro.